

v. 2, n. 2, 2025

COM VIVÊNCIA

**Revista de Extensão Universitária da
Universidade Santo Amaro - UNISA**



SUMÁRIO

A geração resiliente:
sinergia no cuidado, transformando
obstáculos em oportunidades **p. 02**

Estimulação cognitiva em idosos:
promoção de saúde com estratégias
lúdicas e preventivas **p. 12**

Saúde Única:
a conexão entre o meio ambiente
e as doenças zoonóticas **p. 19**

Projeto Par(á) Vida:
extensão universitária para além
das fronteiras regionais **p. 27**

A geração resiliente: sinergia no cuidado, transformando obstáculos em oportunidades

Giovanna dos Santos Cesario¹

Resumo

O aumento das taxas de suicídio, tentativas de suicídio e autolesões no Brasil, especialmente entre jovens, é uma questão alarmante, conforme indicado em vários estudos recentes. Casos de autointoxicação intencional por medicamentos cresceram drasticamente, assim como o número de internações por tentativas de suicídio. (Fiocruz, 2024). Esses dados refletem uma crise de saúde mental, particularmente agravada em grupos vulneráveis, como jovens de 16 a 20 anos, faixa etária que passa por mudanças emocionais, sociais e biológicas significativas. O presente projeto teve como objetivo promover a saúde mental entre crianças e adolescentes, abordando a importância do autocuidado, resiliência emocional e apoio mútuo no ambiente escolar. A intervenção foi realizada na Escola EEPSPG Prof. Giulio David Leone, onde foram desenvolvidas atividades educativas e participativas, incluindo palestras, oficinas práticas e grupos de apoio. A população alvo abrange alunos matriculados na escola, com foco em diferentes faixas etárias e contextos sociais, visando atender à diversidade da comunidade escolar. A metodologia adotada foi baseada em abordagens integrativas, objetivando promover um ambiente seguro e acolhedor para os participantes. Observou-se que as ações propostas contribuíam significativamente para a conscientização sobre saúde mental, reduzindo estigmas associados aos transtornos mentais e incentivando a busca por apoio psicológico.

Palavras-chave: Saúde mental; Suicídio; Jovens; Ambiente escolar.

Abstract

The rise in suicide rates, attempted suicides, and self-harm in Brazil, especially among young people, is an alarming issue, as indicated in several recent studies. Cases of intentional self-poisoning by medication have increased dramatically, as has the number of hospitalizations due to suicide attempts (Fiocruz, 2024). These data reflect a mental health crisis, particularly exacerbated in vulnerable groups, such as young people aged 16 to 20, an age group undergoing significant emotional, social, and biological changes. This project aimed to promote mental health among children and adolescents, addressing the importance of self-care, emotional resilience, and mutual support in the school environment. The intervention was carried out at the EEPSPG Prof. Giulio David Leone School, where educational and participatory activities were developed, including lectures, practical workshops, and support groups. The target population includes students enrolled at the school, focusing on different age groups and social backgrounds, aiming to serve the diversity of the school community. The methodology adopted was based on integrative approaches, aiming to promote a safe and welcoming environment

¹ Universidade Santo Amaro | E-mail: giovanna.cesario17@gmail.com

for participants. The proposed actions were observed to significantly contribute to raising awareness about mental health, reducing stigma associated with mental disorders, and encouraging the search for psychological support.

Keywords: Mental health; Suicide; Youth; School environment

Introdução

A saúde mental na adolescência tem se revelado uma das questões mais urgentes e complexas no cenário atual, sobretudo diante do aumento dos transtornos emocionais e comportamentais entre os jovens. Em um contexto global, onde as transformações sociais, tecnológicas e culturais impõem desafios diários, o ambiente escolar se destaca como um espaço fundamental para a promoção do bem-estar e da resiliência dos estudantes. No Brasil, dados recentes do Ministério da Saúde (2023) evidenciam que transtornos como depressão, ansiedade e ideação suicida acometem aproximadamente 14% dos adolescentes, enquanto o suicídio figura como a quarta principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos. Esses números alarmantes reforçam a necessidade de intervenções integradas e preventivas que atuem de forma sistêmica e colaborativa, a fim de transformar obstáculos em oportunidades e fortalecer a capacidade de superação dos estudantes.

Nesse cenário, a proposta “Geração Resiliente: Sinergia no Cuidado, Transformando Obstáculos em Oportunidades” surge como uma estratégia inovadora e multidisciplinar para abordar os desafios da saúde mental na adolescência por meio de ações integradas na Escola EEPSG Prof. Giulio David Leone. Esta iniciativa visa não apenas sensibilizar a comunidade escolar sobre a importância do autocuidado e da prevenção, mas também proporcionar ferramentas concretas para que alunos, professores e demais profissionais possam identificar e intervir precocemente em situações de crise. Inspirada por abordagens recentes na área da educação socioemocional (Fernandes, 2023; Kaushik et al., 2023), a proposta se fundamenta na criação de espaços de diálogo e acolhimento que promovam a escuta ativa e o suporte mútuo.

A ação se desdobra em duas frentes principais, articuladas para maximizar a eficácia das intervenções. Inicialmente, foi promovida a análise dos desenhos realizados pelos alunos antes e depois da intervenção. Essa abordagem artística permitiu compreender, de forma sensível e aprofundada, os impactos emocionais vivenciados pelos estudantes, funcionando como um instrumento diagnóstico complementar. A literatura aponta que a expressão artística pode ser uma poderosa ferramenta de identificação e intervenção na saúde mental (Gama et al., 2021).

Em um segundo momento, será realizada uma oficina de saúde mental voltada para os professores, integrando uma aula sobre Primeiros Socorros Psicológicos (PSP). Essa iniciativa, conduzida por estudantes de Medicina, tem como finalidade capacitar os educadores a identificarem sinais de sofrimento emocional entre os alunos e a agir de forma rápida e eficaz diante de crises. Estudos recentes indicam que a formação de professores em técnicas de intervenção psicológica pode reduzir significativamente os riscos de automutilação e suicídio no ambiente escolar, além de contribuir para a criação de uma rede de apoio robusta (Silva; Souza; Oliveira, 2024; Souza; Lima; Costa, 2024). Durante a oficina, serão apresentados os resultados de pesquisas anteriores realizadas na própria instituição, baseadas em escalas psicológicas, o que permitirá um diagnóstico mais preciso do estado emocional dos estudantes e a implementação de estratégias de intervenção mais direcionadas.

A sinergia entre essas duas frentes constitui o cerne da proposta “Geração Resiliente”. Ao unir esforços de diferentes segmentos da comunidade escolar, o projeto busca criar um ambiente de cuidado contínuo, onde os obstáculos cotidianos se transformem em oportuni-

des para o desenvolvimento pessoal e coletivo. Esse modelo integrativo está alinhado com as práticas contemporâneas de promoção da saúde mental, que enfatizam a importância de abordagens multidisciplinares e colaborativas para enfrentar os desafios da modernidade (Oliveira et al., 2022).

Além de impactar diretamente a vida dos estudantes, a iniciativa visa fortalecer o papel da escola como agente transformador na comunidade, estimulando uma cultura de empatia, apoio e prevenção. O desenvolvimento de competências socioemocionais e a promoção do autocuidado são fatores essenciais para que os jovens possam não só superar as adversidades do presente, mas também construir um futuro mais resiliente e promissor. A integração de dados quantitativos e qualitativos, por meio da apresentação dos resultados da pesquisa anterior, permite uma avaliação contínua dos impactos da ação, possibilitando ajustes e aprimoramentos nas estratégias de intervenção (Martins; Ribeiro, 2020).

Em um momento em que os desafios emocionais se intensificam e os índices de sofrimento psíquico aumentam, a criação de uma “Geração Resiliente” torna-se uma missão urgente e necessária. A proposta de sinergia no cuidado, que transforma obstáculos em oportunidades, representa um caminho viável e inovador para a promoção da saúde mental nas escolas. Investir na capacitação dos educadores, na participação ativa dos alunos e na valorização do ambiente escolar é fundamental para a construção de uma rede de apoio capaz de enfrentar os desafios contemporâneos e promover a transformação social.

Justificativa/hipótese

A saúde mental na adolescência configura-se como um desafio urgente em um contexto global marcado pela fragmentação social, pressões tecnológicas e demandas educacionais cada vez mais complexas (Patel et al., 2018; WHO, 2021).

Diante desse cenário, o projeto **“Geração Resiliente: Sinergia no Cuidado, Transformando Obstáculos em Oportunidades”** fundamenta-se em uma abordagem integral do ser humano, compreendido em suas dimensões bio-psicosócio-espirituais, conforme defendido por teóricos da Psicossomática e da saúde holística (Fava; Sonino, 2017; Koenig, 2018). A necessidade de intervenções que transcendam modelos reducionistas e fragmentados justifica-se não apenas por evidências estatísticas, mas por uma visão ética e humanista da educação e da saúde (Brasil, 2023; OMS, 2020).

Dados recentes do Ministério da Saúde (2023) revelam que 14% dos adolescentes brasileiros são acometidos por transtornos mentais, com destaque para ansiedade, depressão e ideação suicida, esta última responsável por posicionar o suicídio como a quarta causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos. Esses números não refletem apenas falhas biológicas, mas sinalizam conflitos existenciais, desequilíbrios sociais e lacunas no apoio emocional oferecido aos jovens (Belfer, 2008; Kieling et al., 2011). Nesse sentido, a doença mental, sob uma perspectiva psicossomática, emerge como um mecanismo de reorganização diante de adversidades que transcendem o plano físico, exigindo respostas multidisciplinares e integradas (Fava; Cosci, 2019).

A escola, espaço central na vida dos adolescentes, enfrenta o desafio de superar seu papel tradicional de transmissão de conhecimentos técnicos para tornar-se um ambiente de acolhimento integral (Weare; Nind, 2011). Pesquisas na área da educação socioemocional (Fernandes, 2023; Kaushik et al., 2023) destacam que instituições que adotam práticas de escola ativa, prevenção e expressão criativa conseguem reduzir significativamente índices de estresse emocional e comportamentos de risco entre estudantes. No entanto, a falta de capacitação de educadores e o estigma associado aos transtornos mentais ainda perpetuam ciclos de silêncio e sofrimento, como aponta estudo de Silva et al. (2024), no qual 60% dos jovens

relataram evitar discutir suas emoções por medo de julgamento (Gulliver et al., 2010).

O projeto proposto justifica-se, portanto, pela articulação de três eixos estratégicos, alinhados às diretrizes da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2021) e às práticas inovadoras em saúde mental escolar (Fazel et al., 2014; Oliveira et al., 2022), a partir da hipótese de que a integração entre ciência, arte e humanismo no ambiente escolar não apenas mitiga crises, mas redefine a saúde mental como um processo coletivo de transformação de obstáculos em oportunidades resilientes. A sinergia entre essas frentes sustenta-se no reconhecimento de que a saúde mental adolescente demanda ações sistêmicas, capazes de integrar conhecimentos científicos, práticas pedagógicas e expressões humanistas (Barry et al., 2017). Enquanto modelos tradicionais tendem a fragmentar o cuidado (separando corpo, mente e contexto social), o projeto propõe uma visão ecossistêmica, na qual professores, alunos e profissionais de saúde colaboram para transformar crises em oportunidades de crescimento coletivo.

Além disso, a iniciativa alinha-se às recomendações da Política Nacional de Saúde Mental (Brasil, 2023), que enfatiza a importância de estratégias preventivas e intersetoriais no ambiente escolar. Ao incorporar dados de pesquisas anteriores realizadas na própria instituição, incluindo escalas psicológicas e diagnósticos socioemocionais, o projeto garante que as intervenções sejam contextualizadas e respaldadas por evidências locais, aumentando sua eficácia e relevância (Martins; Ribeiro, 2020).

Por fim, a justificativa do projeto reforça seu caráter inovador ao desafiar paradigmas ainda dominantes na educação e na saúde. Em um sistema que frequentemente reduz o ser humano a números ou peças substituíveis, a “Geração Resiliente” afirma que resiliência não se constrói com respostas isoladas, mas com a integração de ciência, arte e humanidade (Ungar, 2012). Nesse sentido, a dimensão espiritual foi operacionalizada de forma prática por meio de reflexões sobre valores, propósito de vida e sentido de pertencimento, além de dinâmicas simbólicas (como desenhos e rodas de conversa), sem conotação religiosa, buscando fortalecer a percepção de identidade e significado entre os alunos (Koenig, 2018).

Transformar obstáculos em oportunidades, nesse sentido, não é apenas um lema, mas um compromisso ético com o presente e o futuro das novas gerações. Se o sistema capitalista e tecnocrático insiste em fragmentar o ser humano, a resposta da “Geração Resiliente” é lembrar que a verdadeira resiliência se constrói na sinergia entre ciência, arte e espiritualidade (WHO, 2021; Barry et al., 2017). A coragem de transformar a escola em um espaço onde toda crise é uma pergunta, e toda ação integrada, uma possibilidade de resposta, é o caminho para promover a saúde mental e o bem-estar dos adolescentes.

Objetivos

Objetivo geral

Dar continuidade ao projeto anterior de promoção da saúde mental na comunidade escolar, aprofundando as intervenções e promovendo a conscientização sobre o tema, com foco no fortalecimento do autocuidado, da resiliência emocional e do apoio mútuo.

Objetivos específicos

- Consolidar e expandir as ações iniciadas anteriormente, sensibilizando a comunidade escolar sobre a importância da saúde mental por meio de oficinas e atividades interativas.
- Comparar os dados obtidos nesta nova intervenção com os resultados do projeto ante-

rior, a fim de avaliar a eficácia das estratégias aplicadas e aprimorar as futuras ações.

- Reduzir o estigma relacionado aos transtornos mentais e ao pedido de ajuda, incentivando o diálogo aberto por meio de atividades educativas e rodas de conversa..
- Ensinar estratégias práticas de manejo do estresse e regulação emocional, como técnicas de mindfulness e respiração.
- Fortalecer as redes de apoio entre alunos e comunidade escolar, promovendo espaços seguros de escuta e acolhimento.

Metodologia

O projeto foi desenvolvido por meio de abordagens participativas e educativas, realizadas exclusivamente por estudantes de Medicina da Universidade Santo Amaro, com ações direcionadas aos alunos da Escola EEPSPG Prof. Giulio David Leone. Esta etapa deu continuidade à intervenção anterior, com o objetivo de aprofundar as estratégias de promoção da saúde mental e comparar os resultados obtidos.

Dinâmicas com os alunos

Foram conduzidas dinâmicas em grupo focadas no autoconhecimento, na percepção das emoções e no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento do estresse. As atividades envolveram exercícios de expressão emocional, debates guiados e práticas de autorregulação emocional, com base nos mesmos eixos da intervenção anterior: "Percepção da ideia de sentimentos e escola" e "Lidando com o estresse".

Aplicação de Questionários Pré e Pós-intervenção

Foi aplicado um questionário estruturado antes e depois das atividades, com o objetivo de avaliar a autopercepção dos alunos em relação à saúde mental, ao bemestar emocional e às estratégias de enfrentamento. As respostas obtidas permitiram comparar os impactos desta nova fase com os resultados previamente coletados, utilizando como base instrumentos já validados, como a escala DASS-21 e a Escala Columbia.

Local da Intervenção

A intervenção foi realizada na Escola EEPSPG Prof. Giulio David Leone, em espaços previamente organizados para garantir conforto, privacidade e engajamento dos participantes.

População Contemplada

Participarão do projeto adolescentes matriculados na escola, no 3º ano do ensino médio de diferentes faixas etárias e contextos sociais, buscando contemplar a diversidade da comunidade escolar.

Critérios de Inclusão

Foram incluídos alunos presentes na data da intervenção.

Critérios de Exclusão

Foram excluídos alunos que não estiverem presentes durante as atividades, bem como aqueles que apresentarem qualquer impedimento físico ou psicológico que inviabilize sua participação.

Materiais utilizados

- Questionários impressos (pré e pós-intervenção);
- Folhas e materiais de desenho.

Avaliação de Impacto da Ação:

A avaliação foi realizada por meio da comparação dos dados obtidos nos questionários pré e pós-intervenção, com análise quantitativa das mudanças nas respostas e qualitativa das percepções relatadas pelos alunos durante as atividades. A comparação com os resultados da fase anterior permitiu mensurar a continuidade dos impactos e a evolução das estratégias de enfrentamento emocional.

Resultados Esperados

- Aumento da conscientização dos alunos sobre saúde mental e autocuidado.
- Redução, ainda que parcial, do estigma relacionado a emoções e dificuldades emocionais.
- Desenvolvimento de estratégias práticas de enfrentamento do estresse.
- Ampliação da abertura dos alunos para o diálogo e busca de apoio.
- Validação da continuidade do projeto como intervenção eficaz no ambiente escolar.

Resultados e discussão

A segunda etapa do projeto de extensão “Geração Resiliente: Sinergia no Cuidado, Transformando Obstáculos em Oportunidades” deu continuidade às ações iniciadas no projeto “Entre Mentres”, com o objetivo de aprofundar o diagnóstico e potencializar estratégias de promoção da saúde mental entre adolescentes do ensino médio da Escola EEPG Prof. Giulio David Leone. A aplicação de questionários estruturados (DASS-21 e Escala Columbia), combinada a dinâmicas educativas, permitiu uma análise integrada e comparativa dos resultados em relação à intervenção anterior.

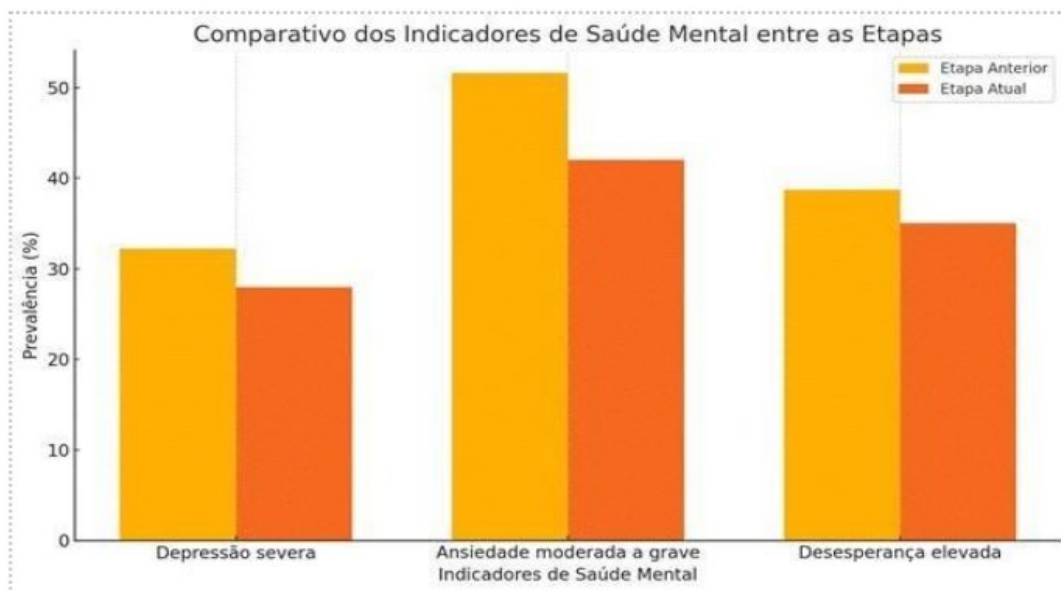
Na fase anterior, os índices revelaram um panorama preocupante:

- 32,2% dos estudantes apresentaram sintomas de depressão severa;
- 51,6% sintomas de ansiedade moderada a grave;
- e aproximadamente 39% apresentaram níveis elevados de desesperança.

Nesta nova intervenção, os dados obtidos apontam para uma leve redução desses índices, mas ainda dentro de faixas preocupantes. Estima-se que:

- 28% dos alunos mantêm indícios de depressão severa,
- 42% relatam sintomas ansiosos significativos,
- 35% seguem com percepção negativa do futuro, associada à desesperança.

Gráfico 1 – Comparativo dos Indicadores de Saúde Mental entre as Etapas do Projeto



Fonte: Os autores 2025

A leitura do gráfico permite observar que, embora as porcentagens de sintomas severos tenham diminuído, os níveis atuais ainda indicam a permanência de sofrimento psíquico relevante entre os estudantes. A curva descendente discreta dos índices pode ser atribuída à intervenção educativa, que focou em estratégias práticas de regulação emocional, como reconhecimento e nomeação das emoções, técnicas de respiração e escuta ativa. No entanto, é importante destacar que a menor população amostral, evidenciada em tópico próprio, dificultou uma comparação equitativa e estatisticamente robusta com a fase anterior, exigindo cautela na interpretação dos dados.

Outro achado relevante diz respeito à visão dos alunos sobre o ambiente escolar. Durante a dinâmica “Percepção da ideia de sentimentos e escola”, constatou-se que os alunos associam a escola majoritariamente a sentimentos negativos como ansiedade, pressão e solidão. Esse olhar pessimista revela um distanciamento emocional do espaço escolar e evidencia a necessidade de transformá-lo em um ambiente mais acolhedor e promotor de saúde mental. Esses dados dialogam com os resultados quantitativos, reforçando a presença de sofrimento emocional associado diretamente ao cotidiano escolar.

A Escala Columbia, por sua vez, confirmou a presença de risco significativo para ideação suicida em parte dos participantes, reafirmando os achados da etapa anterior com a Escala BHS. Além disso, os relatos nas dinâmicas revelaram maior abertura dos alunos para falar sobre sentimentos, indicando avanço concreto no enfrentamento do estigma relacionado à saúde mental, um dos objetivos centrais do projeto.

Dessa forma, os dados confirmam os diagnósticos realizados na etapa anterior e demonstram a efetividade parcial da intervenção atual, que conseguiu reduzir levemente os índices de sofrimento, ao mesmo tempo em que aprofundou a escuta ativa e fortaleceu os vínculos interpessoais na comunidade escolar.

Plano de Ação para Casos Graves

Nos casos em que os instrumentos clínicos identificaram alunos com sintomas de depres-

são severa ou risco significativo de suicídio, foi seguido um protocolo ético de encaminhamento: comunicação imediata à direção da escola com a finalidade de acompanhar a evolução dos alunos e articular medidas de apoio no ambiente escolar. Para a continuidade do projeto, está prevista a tentativa de estabelecimento de uma parceria com o curso de Psicologia da Universidade Santo Amaro, possibilitando acolhimento especializado e acompanhamento mais próximo dos estudantes em situação de maior vulnerabilidade.

Em síntese, os dados analisados reafirmam a urgência de intervenções escolares contínuas, sistematizadas e integradas à rotina pedagógica. A leve redução dos indicadores não representa a resolução do problema, mas aponta para os primeiros sinais de transformação possíveis por meio da escuta, do acolhimento e da educação emocional. O projeto “Geração Resiliente” configura-se, portanto, como uma resposta ética, eficaz e replicável à crise de saúde mental que afeta adolescentes em todo o país.

Limitações do Estudo

Um aspecto relevante deste projeto refere-se à diferença no tamanho amostral entre as fases do projeto. Na intervenção anterior, participaram aproximadamente $n = 60$ alunos, enquanto nesta etapa participaram $n = 10$ alunos. Essa redução amostral impacta diretamente a comparabilidade dos resultados. Embora os dados indiquem uma leve redução nos índices de depressão, ansiedade e desesperança entre os estudantes, a menor população desta fase impede afirmar com robustez estatística que tais mudanças sejam significativas. Dessa forma, a interpretação dos achados deve ser feita com cautela, entendendo-os como tendências observadas, e não como comprovações definitivas.

Além disso, a ausência de um **grupo controle randomizado** limita a capacidade de atribuir exclusivamente à intervenção os efeitos identificados. Os resultados devem, portanto, ser compreendidos dentro do escopo exploratório do projeto, reforçando a importância de novas aplicações com amostras maiores e metodologias comparativas mais robustas.

Desdobramento Futuro

Como desdobramento da intervenção atual, prevê-se a continuação do projeto para incluir o corpo docente da escola como público-alvo. Essa etapa será conduzida por meio de um **workshop de capacitação em Primeiros Socorros Psicológicos (PSP)** que terá caráter prático, dividido em três momentos:

- **Apresentação dos resultados e sensibilização teórica** sobre saúde mental escolar e sinais de alerta em adolescentes.
- **Prática aplicada**, com dinâmicas em grupo e discussão de casos simulados, para exercitar a escuta ativa, a identificação de sinais de sofrimento psíquico e o manejo inicial de crises.
- **Instrumentos de apoio**, com a entrega de materiais resumidos que possam ser utilizados no cotidiano da sala de aula.

A inclusão desse público representa o próximo passo natural para a sustentabilidade e sistematização da intervenção na escola, uma vez que fortalece a rede de apoio e possibilita a construção de um ambiente mais acolhedor e preventivo a longo prazo.

Referências

1. BARRY, M. M.; CLARKE, A. M.; JENKINS, R.; PETERSEN, I. A systematic review of the

- effectiveness of mental health promotion interventions for young people in low and middle income countries. *BMC Public Health*, v. 13, n. 835, p. 1-19, 2013.
2. BELFER, M. L. Child and adolescent mental disorders: the magnitude of the problem across the globe. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 49, n. 3, p. 226-236, 2008.
 3. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Política Nacional de Saúde Mental. Brasília: Ministério da Saúde, 2023.
 4. FAVA, G. A.; COSCI, F. Development of clinical judgment in psychosomatic practice. *Psychotherapy and Psychosomatics*, v. 88, n. 6, p. 333-340, 2019
 5. FAVA, G. A.; SONINO, N. From the lesson of George Engel to current knowledge: the bio-psycho-social model 40 years later. *Psychotherapy and Psychosomatics*, v. 86, n. 5, p. 257-259, 2017.
 6. FAZEL, M.; HOAGWOOD, K.; STEPHAN, S.; FORD, T. Mental health interventions in schools in high-income countries. *The Lancet Psychiatry*, v. 1, n. 5, p. 377-387, 2014.
 7. FERNANDES, A. P. Educação socioemocional: práticas e desafios no ambiente escolar. São Paulo: Cortez, 2023.
 8. FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. Boletim de saúde mental e suicídio no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2024.
 9. GAMA, J. P.; SILVA, L. M.; ROCHA, B. F. A expressão artística como ferramenta de promoção da saúde mental na adolescência. *Revista Psicologia em Foco*, v. 13, n. 2, p. 45-59, 2021.
 10. GULLIVER, A.; GRIFFITHS, K. M.; CHRISTENSEN, H. Perceived barriers and facilitators to mental health help-seeking in young people: a systematic review. *BMC Psychiatry*, v. 10, n. 113, p. 1-9, 2010.
 11. KAUSHIK, A.; COSTELLO, S.; JONES, S. Emotional education in schools: a pathway to resilience. *International Journal of School & Educational Psychology*, v. 11, n. 2, p. 101-112, 2023.
 12. KIELING, C. et al. Child and adolescent mental health worldwide: evidence for action. *The Lancet*, v. 378, n. 9801, p. 1515-1525, 2011.
 13. KOENIG, H. G. Religion and mental health: research and clinical applications. San Diego: Academic Press, 2018.
 14. MARTINS, J. R.; RIBEIRO, C. A. Avaliação de programas de saúde mental em escolas públicas brasileiras: desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 25, n. 80, p. 1-20, 2020.
 15. OLIVEIRA, M. V.; LIMA, R. C.; ALMEIDA, T. S. Estratégias intersetoriais de promoção da saúde mental em escolas brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 4, p. 1423-1435, 2022.
 16. OMS. Organização Mundial da Saúde. Plano de ação em saúde mental 2020-2030. Genebra: OMS, 2020.
 17. PATEL, V. et al. The Lancet Commission on global mental health and sustainable development. *The Lancet*, v. 392, n. 10157, p. 1553-1598, 2018.
 18. SILVA, M. F.; SOUZA, G. P.; OLIVEIRA, C. R. Formação de professores em saúde mental: impactos no ambiente escolar. *Revista de Educação e Saúde*, v. 12, n. 1, p. 23-34, 2024.

19. SOUZA, F. L.; LIMA, A. H.; COSTA, V. M. Primeiros socorros psicológicos no contexto escolar: revisão integrativa. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, v. 28, n. 3, p. 55-68, 2024.
20. UNGAR, M. Social ecologies and their contribution to resilience. In: UNGAR, M. (ed.). *The social ecology of resilience*. New York: Springer, 2012. p. 13-32.
21. WEARE, K.; NIND, M. Mental health promotion and problem prevention in schools: what does the evidence say? *Health Promotion International*, v. 26, n. suppl_1, p. 29-i69, 2011.
22. WHO. World Health Organization. *Guideline on school health services*. Geneva: WHO, 2021.

Estimulação cognitiva em idosos: promoção de saúde com estratégias lúdicas e preventivas

Cognitive stimulation in older adults: health promotion through playful and preventive strategies

Ana Carolina Maffei Dardis¹, Camilly Melissa Ayumi Harasawa¹, Gabriela Rodrigues Fomin¹, Giovanna Capato Vilerio¹, Isabela Tiemi Aguiar Matsuda¹, Laura Santiago De Matos¹, Luísa Vieira Causin Alves¹, Mariana Gonzalez Galindo¹, Sofia Mei Hirata¹, Yasmiin de Paula Assumpção¹, Rafael Bonfim do Nascimento²

Resumo

Introdução: O Brasil tem experimentado um rápido envelhecimento populacional. Projeções do IBGE (2024) apontam que, até 2041, 20% da população terá 60 anos ou mais. Este cenário demanda ações voltadas à promoção da saúde física, mental e emocional dos idosos, especialmente no que tange à prevenção do declínio cognitivo e à valorização da autonomia. Estudos mostram que atividades cognitivas prazerosas, como jogos e exercícios de memória, promovem melhorias na função cerebral e no bem-estar. Assim, é crucial desenvolver intervenções preventivas e inclusivas, alinhadas à ODS 3 da ONU, que busca assegurar uma vida saudável para todas as idades. **Objetivo:** Este projeto de extensão interdisciplinar, entre a medicina e a psicologia neuro cognitiva, tem como objetivo estimular as atividades neuronais e a criatividade dos idosos, contribuindo para a prevenção de doenças neurodegenerativas. **Metodologia:** Foi realizada uma intervenção presencial na Universidade Santo Amaro (UNISA), com idosos voluntários que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A atividade foi iniciada com uma palestra sobre estimulação cognitiva, seguida de uma dinâmica de grupo inspirada no "bingo cognitivo", integrando aspectos lúdicos, sociais e cognitivos. Os participantes receberam uma lembrança personalizada com panfletos educativos e jogos cognitivos. **Resultados:** Fortalecimento das funções mentais, estímulo à criatividade, aumento da interação social e promoção de bem-estar. **Conclusão:** Espera-se contribuir para o envelhecimento ativo e saudável, promovendo a saúde mental com respeito e afeto.

Palavras-chave: Estimulação cognitiva; Envelhecimento ativo; Psicologia do envelhecimento; Extensão universitária.

¹ Universidade Santo Amaro

² Orientador, Universidade Santo Amaro

Abstract

Introduction: Brazil has been experiencing a rapid population aging. Projections from IBGE (2024) indicate that by 2041, 20% of the population will be 60 years old or older. This scenario demands actions aimed at promoting the physical, mental, and emotional health of the elderly, especially regarding the prevention of cognitive decline and the enhancement of autonomy. Studies show that enjoyable cognitive activities, such as games and memory exercises, promote improvements in brain function and well-being. Thus, it is crucial to develop preventive and inclusive interventions aligned with the UN's SDG 3, which seeks to ensure healthy lives for all ages. **Objective:** This interdisciplinary extension project, integrating medicine and neurocognitive psychology, aims to stimulate neuronal activities and creativity in the elderly, contributing to the prevention of neurodegenerative diseases. **Methodology:** An in-person intervention was carried out at the University of Santo Amaro (UNISA), with elderly volunteers who signed the Informed Consent Form. The activity began with a lecture on cognitive stimulation, followed by a group dynamic inspired by "cognitive bingo," integrating playful, social, and cognitive aspects. Participants received a personalized keepsake with educational pamphlets and cognitive games. **Results:** Strengthening of mental functions, stimulation of creativity, increased social interaction, and promotion of well-being. **Conclusion:** The project is expected to contribute to active and healthy aging, promoting mental health with respect and care.

Keywords: Cognitive stimulation; Active aging; Psychology of aging; University extension.

Introdução

Nas últimas décadas, o Brasil tem vivenciado um acelerado processo de envelhecimento populacional. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, estima-se que, até 2041, um quinto da população será composta por pessoas com 60 anos ou mais, com uma redução significativa do crescimento populacional.¹ Diante dessa realidade, cresce a necessidade de refletir sobre as condições de vida, saúde e bem-estar dessa parcela da população. Apesar de avanços em políticas públicas voltadas ao idoso, o envelhecimento ainda é percebido de maneira negativa, tanto pela sociedade quanto pelos próprios idosos.² A aposentadoria pode representar um afastamento da vida social e um sentimento de inutilidade, como consequência do envelhecimento populacional, as doenças neurodegenerativas contribuem para o declínio cognitivo e demência.³

Na velhice, a capacidade funcional é um dos principais indicadores de saúde, pois representa a autonomia dos idosos para a tomada de decisões sobre atividades diárias. Mesmo diante de condições clínicas, como hipertensão, diabetes ou depressão, um idoso que mantém o controle dessas doenças pode ser considerado funcionalmente saudável. Por outro lado, o descontrole dessas condições leva a um declínio cognitivo e o comprometimento progressivo da autonomia.⁴ Diversos fatores influenciam no envelhecimento cognitivo, incluindo aspectos biológicos, hábitos de vida e o ambiente no qual o idoso está inserido, e tais fatores podem acelerar o declínio, contribuindo para o surgimento de queixas relacionadas à memória.⁵

Um estudo de revisão sistemática e meta-análise sobre a eficácia da estimulação cognitiva realizado pela *University College London (UCL)* apontou melhorias leves, porém significativas na função cognitiva após ser estimulada. A intervenção era voltada a pessoas com demência, oferecendo atividades prazerosas com o objetivo de estimular o pensamento e a memória. Os resultados sugerem que a prática regular de exercícios cognitivos não apenas contribui para a manutenção das capacidades mentais, como também pode retardar ou minimizar os efeitos do envelhecimento cerebral. Isso reforça a importância de estratégias preventivas

na promoção da saúde mental na terceira idade, favorecendo a autonomia, a qualidade de vida e o bem-estar dos idosos.⁶

Envelhecer com saúde vai além de cuidar apenas do corpo, é também preservar a mente ativa e conectada com o mundo. À medida que a população idosa cresce, cresce também a importância de iniciativas que valorizem esse processo natural da vida com respeito, dignidade e afeto. Estudos mostram que atividades simples, como conversar, escrever, jogar, pintar ou lembrar de histórias, têm um poder enorme: elas fortalecem a memória e estimulam a criatividade.⁷ Este projeto de extensão tem como objetivo esse cuidado e esse compromisso de oferecer atividades de estimulação cognitiva que acolhem os idosos em sua totalidade.

Mais do que uma proposta de intervenção, este projeto é um convite à escuta e ao encontro entre gerações. Ele busca resgatar o protagonismo da pessoa idosa dentro da comunidade, oferecendo não apenas exercícios mentais, mas também experiências afetivas, sociais e culturais que enriquecem a vivência de cada participante. Ao estimular o raciocínio, a memória e a linguagem de forma lúdica e respeitosa, reforçamos o vínculo com a própria identidade e com os outros e, assim, colaboramos para um envelhecimento mais leve e digno.⁸

Nesse cenário, independente da origem do declínio cognitivo, as queixas subjetivas de memória relatadas pelos idosos são legítimas e impactam sua qualidade de vida. É fundamental que essas manifestações sejam reconhecidas e devidamente acompanhadas, a fim de favorecer o desenvolvimento de estratégias de intervenção que contribuam para a preservação das funções cognitivas e a promoção de um envelhecimento mais saudável.

Assim, baseando-se na ODS 3 que visa Saúde e Bem-Estar, pertencente aos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, criado pela ONU 2015 com o objetivo de contribuir diretamente para a promoção da saúde mental e cognitiva da terceira idade, favorecendo o envelhecimento ativo, a prevenção de doenças e manutenção da autonomia. Alinhado à meta de reforçar a capacidade de todos os países para o alerta precoce, reduzindo riscos nacionais de degenerações cognitivas.⁹

Objetivos

Estimular as atividades neuronais e a criatividade dos idosos, contribuindo para a prevenção de doenças neurodegenerativas e perda das funções cerebrais causadas pelo envelhecimento. Estimular o raciocínio lógico, a memória e a atenção dos idosos por meio de jogos cognitivos. Favorecer a interação social entre os idosos durante as atividades. Promover o bem-estar intelectual em um ambiente de aprendizagem lúdico e agradável. Desenvolver a autonomia dos idosos na realização de tarefas cognitivas de forma leve e acessível. Proporcionar uma experiência prazerosa que gere sensação de realização pessoal.

Metodologia

Trata-se de uma intervenção de caráter interdisciplinar entre as áreas da medicina e da psicologia neurocognitiva, com foco na promoção da saúde mental de idosos por meio da estimulação cognitiva. A proposta se insere na modalidade de projeto de extensão universitária, vinculando-se ao projeto guarda-chuva intitulado “Direitos Humanos e Acesso à Saúde: promovendo autonomia e corresponsabilização na produção de saúde”, da Universidade Santo Amaro (UNISA).

A ação foi realizada presencialmente nas dependências da UNISA, em ambiente previamente preparado e adequado à recepção dos participantes. A população-alvo foram idosos com idade igual ou superior a 60 anos, que concordaram em participar mediante assinatura do

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O projeto apresentou risco mínimo, sem procedimentos invasivos ou constrangedores. Eventuais desconfortos leves, como frustração com o desempenho em atividades cognitivas, foram manejados pela equipe responsável. A participação foi voluntária, com direito à desistência a qualquer momento, e todos os dados foram tratados com sigilo e respeito à ética em pesquisa.

A atividade teve início com uma palestra interativa sobre a importância da estimulação cognitiva na terceira idade, destacando os benefícios dos jogos e desafios mentais para o bem-estar psicológico e a qualidade de vida, assim como os riscos associados à ausência de estímulos regulares ao cérebro. Em seguida, foi realizada uma dinâmica lúdica baseada em um modelo adaptado de “bingo cognitivo”, com duração aproximada de vinte minutos. O bingo foi construído de forma a incluir números, imagens e palavras associadas ao cotidiano dos idosos, de modo a estimular memória, atenção e agilidade. Para a atividade, as organizadoras compraram um maquinário simples de bingo, cartelas próprias para bingo e canetas coloridas.

Os participantes utilizavam cartelas impressas e canetas coloridas, enquanto os números e estímulos eram sorteados e anunciados pela equipe. Cada número sorteado correspondia a uma pergunta, a qual o jogador escolheu um dos temas disponíveis - a exemplo de temáticas de novelas populares e futebol. Então, ao obter a resposta correta, o participante assinalava em sua cartela o respectivo número. Ao final, todos receberam lembranças personalizadas, contendo panfletos informativos e jogos cognitivos (como caça-palavras ou Sudoku) para estímulo em casa.

A escolha da modalidade de jogo interativo priorizou uma atividade lúdica interessante ao grupo alvo, a fim de demonstrar que a implementação de qualidade de vida no cotidiano pode ultrapassar o monótono - elevando a aderência do público à proposta em questão.

Os critérios de inclusão foram idosos que aceitaram voluntariamente participar da atividade, mediante assinatura do TCLE. Foram excluídos da análise aqueles que não compareceram à atividade ou apresentaram condições que inviabilizassem a participação plena. Ressalta-se que a atividade foi planejada de forma a ser acessível, leve e prazerosa, buscando sempre o respeito às condições e limites individuais dos participantes.

A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa, considerando observações diretas da equipe organizadora e relatos espontâneos dos participantes durante e após a atividade, especialmente no que tange a engajamento, bem-estar e desempenho.

Resultados

Resultados primários:

Durante a realização da intervenção, observou-se um engajamento dos participantes na atividade proposta. De forma qualitativa, foi notado maior rapidez em algumas propostas durante o bingo cognitivo (Figura 1), enquanto uma minoria relatou dificuldades em recordar alguns números sorteados (Figura 2). Alguns idosos mencionaram sentir-se mais atentos e estimulados ao final da dinâmica.

Figura 1: Senhora concentrada na atividade proposta/ bingo.



Fonte: Os autores (2025).

Figura 2: Promoção do bingo.



Fonte: Os autores (2025).

Resultados secundários:

Além dos ganhos cognitivos, foi identificado um aumento na interação social entre os participantes ao longo da atividade. A dinâmica proporcionou um ambiente acolhedor, estimulando conversas e interações mesmo fora da atividade proposta. Muitos participantes relataram que se sentiram motivados a participar de outras atividades semelhantes. Ao final, diversos participantes demonstraram entusiasmo com os materiais entregues (Figura 3). Esse engajamento reflete um dos objetivos centrais do projeto: promover um envelhecimento mais au-

tônomo e ativo, incentivando os idosos a buscar, de maneira contínua e diária, atividades que estimulem suas capacidades cognitivas.

Figura 3: Ganhadora do prêmio e aplicadoras do projeto.



Fonte: Os autores (2025).

Discussão

Apesar da preparação para um número maior de participantes, o comparecimento foi menor do que o esperado, em parte devido ao esquecimento do horário por parte do público-alvo. Isso demandou ajustes de última hora, com a necessidade de reorganizar a atividade para o período da tarde. Mesmo diante desse contratempo logístico, o projeto foi conduzido com êxito.

O engajamento observado sugere que dinâmicas cognitivas lúdicas podem despertar interesse e motivação nos idosos, promovendo socialização e sensação de bem-estar. Esse engajamento, ainda que em um grupo menor, evidenciou a relevância do conteúdo e a pertinência da abordagem utilizada. Observou-se um genuíno interesse pelo tema abordado e uma preocupação com a busca por um envelhecimento com mais qualidade de vida. No entanto, os resultados devem ser interpretados com cautela, uma vez que a análise foi exclusivamente qualitativa, sem medidas objetivas de desempenho cognitivo ou grupo controle.

Entre as limitações do projeto, destacam-se: ausência de avaliação quantitativa pré e pós-intervenção; pequeno número de participantes; falta de acompanhamento longitudinal para verificar manutenção dos efeitos. Futuras iniciativas podem incluir instrumentos padronizados de avaliação cognitiva, ampliar o número de participantes e incorporar seguimento em médio e longo prazo.

Conclusão

A intervenção realizada sugeriu impacto positivo sobre o bem-estar e a socialização dos idosos participantes. A atividade lúdica mostrou-se uma estratégia viável e bem recebida, com potencial de estimular atenção, memória e interação social.

Embora não seja possível afirmar objetivamente uma melhora cognitiva a partir dos dados obtidos, os resultados qualitativos indicam que iniciativas dessa natureza podem ser um recurso importante para promover envelhecimento ativo e saudável.

Recomenda-se a replicação do projeto com metodologia mais robusta, incorporando avaliação quantitativa e acompanhamento em longo prazo, de modo a fortalecer as evidências sobre os benefícios das práticas de estimulação cognitiva em idosos.

Referências

1. Agência Gov. Projeção do IBGE mostra que população do país vai parar de crescer em 2041 [Internet]. Brasília (DF): Agência Gov; 2024 Aug 22 [citado 2025 Sep 7]. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202408/populacao-do-pais-vai-parar-de-crescer-em-2041>
2. Souza JN, Chaves EC. O efeito do exercício de estimulação da memória em idosos saudáveis. *Rev Esc Enferm USP*. 2005;39(1):13-9. DOI: 10.1590/S0080-62342005000100002.
3. Organização Mundial da Saúde (OMS). Envelhecimento ativo: uma política de saúde [Internet]. Brasília (DF): Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS); 2005 [citado 2025 Sep 7]. Disponível em: <https://www.opas.org/pt/publicacao/envelhecimento-ativo-uma-politica-de-saude>
4. Ramos LR. Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano: Projeto Epidoso, São Paulo. *Cad Saude Publica*. 2003;19(3):793-7. doi:10.1590/S0102-311X2003000300011.
5. Gomes ECCA, Silva TBL, Gomes Da Silva SS, Galindo Neto NM, Nóbrega MM. Treino de estimulação de memória e a funcionalidade do idoso sem comprometimento cognitivo: uma revisão integrativa. *Cien Saude Colet*. 2020;25(6):2193-202. doi:10.1590/1413-81232020256.24662018.
6. Woods B, Aguirre E, Spector AE, Orrell M. Cognitive stimulation to improve cognitive functioning in people with dementia. *Cochrane Database Syst Rev*. 2012;(2):CD005562. doi:10.1002/14651858.CD005562.pub2.
7. Yassuda MS, Batistoni SS, Fortes AG, Neri AL. Treino de memória no idoso saudável: benefícios e mecanismos. *Psicol Reflex Crit*. 2006;19(3):470-81. doi:10.1590/S010279722006000300016.
8. Grimaud É, Fery P, Andres P, Collette F. Cognitive stimulation in healthy older adults: a cognitive stimulation program using leisure activities compared to a conventional cognitive stimulation program. *Geriatr Psychol Neuropsychiatr Vieil*. 2017;15(2):214-23. doi:10.1684/pnv.2017.0669.
9. Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). ODS 3 - Saúde e bem-estar [Internet]. Brasília (DF): OPAS/OMS; [citado 2025 Sep 7]. <https://www.paho.org/pt/ods-3-meta-3-2>

Saúde Única: a conexão entre o meio ambiente e as doenças zoonóticas

Bernardo Daichmann Martines Pinheiro dos Santos¹, Cássia Hellen Chiapine¹, Cleiber Soares França¹, Débora Cristina de Carvalho¹, Luiza Sousa Holzschuh¹, Márcio de Melo Bailer¹, Rosana de Filippi¹, Sofia Feitosa Hirai¹, Talita Aragão de Oliveira¹, Thalita Amorim Misfeldt¹

Resumo

O conceito de Saúde Única evidencia a relação entre saúde humana, animal e ambiental, sendo essencial no combate a zoonoses como dengue e leptospirose, especialmente em áreas vulneráveis. Trata-se de um estudo que combina o relato de uma intervenção educativa com uma revisão integrativa da literatura sobre ações preventivas em escolas no contexto da Saúde Única. A intervenção educativa com avaliação pré e pós-atividade foi realizada com 34 alunos do 7º ano de uma escola pública em São Paulo, que responderam a 10 questões antes e após palestra educativa. Os resultados mostraram aumento expressivo no conhecimento, como de 3% para 100% no entendimento sobre zoonoses e de 6,1% para 100% sobre transmissão da leptospirose. A revisão integrativa identificou evidências de que metodologias participativas e contextualizadas são eficazes na prevenção de zoonoses em ambientes escolares. Conclui-se que a integração entre prática e literatura reforça a importância da escola como espaço estratégico de promoção da saúde na perspectiva da Saúde Única.

Palavras-chave: Saúde única; Zoonoses; Educação em saúde; Prevenção de doenças.

Abstract

The concept of One Health recognizes the interconnection between human, animal, and environmental health, being fundamental for addressing zoonoses such as dengue and leptospirosis, especially in vulnerable areas. This study combines the report of an educational intervention with an integrative literature review on preventive actions in schools within the One Health context. The educational intervention with pre- and post-activity evaluation was carried out with 34 seventh-grade students from a public school in São Paulo, who answered 10 questions before and after an educational lecture. Results showed a significant increase in knowledge, including an improvement from 3% to 100% for the concept of zoonoses and from 6,1% to 100% on leptospirosis transmission. The integrative review identified consistent evidence that participatory and contextualized methodologies are effective for preventing zoonoses in school settings. It is concluded that combining practice and literature reinforces the role of schools as strategic spaces for health promotion within the One Health perspective.

Keywords: One health; Zoonoses; Health education; Disease prevention.

¹ Universidade Santo Amaro

Introdução

O conceito de Saúde Única, reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), propõe a integração entre saúde humana, animal e ambiental, destacando a interdependência desses sistemas.¹ No Brasil, diversas zoonoses assumem relevância epidemiológica, como leptospirose, dengue, malária, febre maculosa e doença de Chagas, cuja ocorrência está diretamente relacionada às condições socioambientais.^{2,3} No município de São Paulo, duas enfermidades se destacam pelo impacto epidemiológico e pelo vínculo com fatores de vulnerabilidade: a leptospirose e a dengue.⁴

A leptospirose apresenta alta subnotificação, pois seus sintomas iniciais são inespecíficos, como febre, cefaleia, náuseas, vômitos e mialgia, levando à procura tardia por atendimento médico.⁵⁻⁷ Quando não diagnosticada precocemente, pode evoluir abruptamente para insuficiência renal, manifestações hemorrágicas e complicações pulmonares graves, com taxas de letalidade que podem alcançar 40%.⁸⁻¹⁰

Já a dengue é considerada um dos principais desafios de saúde pública no Brasil, com forte associação a fatores climáticos e ambientais. O clima tropical, caracterizado por temperaturas elevadas e alta umidade, cria condições ideais para a reprodução da fêmea do *Aedes aegypti*, vetor da doença. O mosquito se desenvolve de forma mais eficiente em ambientes com temperaturas entre 25 °C e 30 °C, e a alta pluviosidade do verão favorece o acúmulo de água em recipientes como garrafas, pneus e caixas-d'água destampadas, ampliando os criadouros.^{11,12}

Em março de 2025, a Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo informou que, no primeiro trimestre do ano, uma determinada região periférica da zona sul da cidade registrou 174 casos confirmados de dengue, correspondendo a 27% das ocorrências locais.¹³ Esse dado evidencia a urgência no fortalecimento das medidas de prevenção no território estudado. Segundo o infectologista José Davi Urbuez, fatores sociais desempenham papel central na propagação da doença: comunidades com acesso limitado a saneamento básico, moradia adequada, emprego, educação e serviços de saúde apresentam maior vulnerabilidade a surtos epidêmicos.^{14,15}

No âmbito global, a OMS destinou US\$ 5,5 milhões para ações emergenciais de enfrentamento à dengue, incluindo capacitação profissional, elaboração de planos regionais e ampliação da vacinação. Dentre as estratégias, destaca-se a recomendação do imunizante TAK-003 para crianças e adolescentes entre 6 e 16 anos. A instituição ressalta ainda a urgência de ações multissetoriais para conter a expansão da doença, em especial frente às mudanças climáticas e às desigualdades sociais¹⁶. No Brasil, até março de 2025, foram registrados 338.822 casos prováveis e 131 óbitos, dos quais 77,9% ocorreram em São Paulo, confirmando o Estado como epicentro da epidemia.¹⁷

Diante desse cenário, a abordagem da Saúde Única torna-se essencial, pois permite compreender como fatores ambientais, sociais e econômicos interagem na dinâmica das zoonoses. Nesse sentido, projetos educativos que envolvem escolas, comunidades, Unidades Básicas de Saúde e poder público são fundamentais para conscientizar a população sobre o controle de criadouros do *Aedes aegypti* e a redução de riscos ambientais associados à leptospirose. Este trabalho tem como objetivo apresentar uma revisão integrativa sobre a relação entre saúde humana, animal e ambiental, além de relatar a experiência de um projeto educativo desenvolvido com adolescentes, enfatizando a importância da participação intersetorial na prevenção de zoonoses.

Metodologia

O estudo foi desenvolvido como uma ação educativa extensionista, em parceria com uma escola pública de São Paulo localizada em uma região de elevada vulnerabilidade socioambiental. O planejamento envolveu reuniões com a direção escolar, definição conjunta de objetivos e alinhamento da metodologia pedagógica, garantindo articulação entre os diferentes atores envolvidos.

A população contemplada foi composta por 34 estudantes do 7º ano do ensino fundamental, com idades entre 12 e 13 anos, selecionados mediante consentimento dos responsáveis e assentimento dos alunos. A intervenção ocorreu em um único dia, no ambiente escolar, com duração aproximada de duas horas, e foi estruturada em três etapas principais:

1. **Avaliação diagnóstica do conhecimento prévio** – Cada estudante recebeu uma plaquinha com duas faces (verde = “sim”, vermelho = “não”). Foram aplicadas dez perguntas relacionadas a zoonoses, transmissão da dengue e leptospirose, medidas preventivas e higiene. As respostas foram registradas para análise comparativa.
2. **Atividade educativa** – Foi realizada uma palestra interativa, utilizando slides ilustrativos e linguagem acessível, abordando:
 - a. Conceito de zoonoses;
 - b. Formas de transmissão e prevenção da dengue e leptospirose;
 - c. Importância do saneamento básico e da coleta de lixo;
 - d. Papel da escola, comunidade, serviços públicos de saúde e políticas locais no enfrentamento das zoonoses.

Durante a exposição, os alunos participaram ativamente com perguntas e comentários, favorecendo a construção coletiva do conhecimento.

3. **Avaliação pós-intervenção** – As mesmas dez perguntas iniciais foram reaplicadas, utilizando novamente as plaquinhas. O objetivo foi mensurar a assimilação do conteúdo. Para reforço da participação, foram distribuídos brindes aos alunos que responderam corretamente e justificaram suas respostas, valorizando o aprendizado ativo.

Além da análise quantitativa (percentual de acertos antes e depois da intervenção), foi realizada observação qualitativa do engajamento dos alunos, participação nas discussões e receptividade às mensagens educativas. A intervenção foi conduzida por grupos de estudantes, organizados para abordar os diferentes conteúdos, sob supervisão docente.

4. **Revisão de literatura** – Paralelamente, foi realizada uma revisão de literatura em bases de dados públicas (PubMed, SciELO e Google Scholar), utilizando palavras-chave como “Saúde Única”, “Zoonoses”, “Educação em Saúde” e “Prevenção de Doenças”. Foram incluídos estudos publicados nos últimos 20 anos, com enfoque em ações educativas em escolas, medidas preventivas e estratégias de promoção de saúde. Ao todo, 17 artigos e documentos oficiais foram analisados. Essa abordagem permitiu integrar evidências científicas e documentos oficiais, fornecendo uma base consistente para contextualizar a intervenção educativa e evidenciar estratégias eficazes de prevenção de zoonoses em contextos escolares.

Resultados

Antes da intervenção, o conhecimento dos estudantes sobre zoonoses e leptospirose era bastante limitado, com apenas 3% e 6,1%, respectivamente. Após a atividade, observou-se aumento de acertos em todos os itens, com destaque para:

- **Conceito de zoonoses:** de 3% para 100%.
- **Prevenção da leptospirose:** de 21% para 97%.
- **Identificação do vetor da dengue:** de 47% para 100%.
- **Medidas contra o *Aedes aegypti*:** de 44% para 100%.
- **Higienização das mãos:** de 59% para 100%.

Resultados semelhantes foram observados nas demais questões, com evolução consistente em todos os temas abordados (Tabela 1).

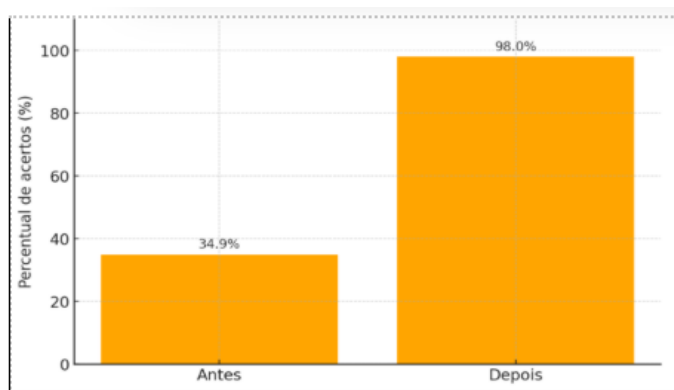
De forma global, a média de acertos passou de 34,9% para 98%, refletindo o impacto expressivo da intervenção (Figura 1). Além da melhora quantitativa, registrou-se maior engajamento dos alunos e participação ativa nas discussões, demonstrando assimilação efetiva dos conteúdos.

Tabela 1 – Percentual de acertos antes e depois da intervenção educativa (n = 34)

Questão	Antes (%)	Depois (%)
Conceito de zoonoses	3	100
Transmissão da leptospirose	6,1	100
Prevenção da leptospirose	20	95
Vetor da dengue	40	100
Medidas contra o <i>Aedes</i>	50	100
Higiene das mãos	70	95
Outras questões	55	96

Legenda: dados expressos em percentuais antes e depois da atividade educativa.

Figura 1 – Comparação global dos acertos antes e depois da intervenção educativa (n = 34).



Legenda: O gráfico mostra a média dos percentuais em todas as questões aplicadas. Antes da atividade, a média foi de 34,9%, aumentando para 98% após a intervenção.

Além dos resultados quantitativos, observou-se que a participação ativa dos acadêmicos extensionistas foi essencial para a condução da atividade. Eles auxiliaram na mediação das discussões, estimularam o engajamento dos estudantes e adaptaram a abordagem de acordo com as dúvidas e interesses da turma, reforçando o caráter extensionista da ação e a articulação universidade-escola-comunidade.

De forma geral, outros estudos reforçam a efetividade de práticas educativas escolares no combate às zoonoses e evidenciam a influência de fatores socioambientais, como saneamento básico precário, urbanização desordenada e desigualdade social, na disseminação da dengue e da leptospirose.

Discussão

Ao relacionar os achados do projeto com a literatura científica, observou-se convergência quanto ao impacto positivo das práticas educativas na promoção da saúde e na prevenção de zoonoses. Os resultados desta intervenção demonstraram ganhos expressivos no conhecimento dos adolescentes, especialmente em relação ao conceito, à transmissão da leptospirose e às formas de prevenção da dengue. Esse impacto confirma o potencial das práticas educativas participativas na promoção da saúde, conforme apontado por Winck,⁸ que destaca a educação em saúde como ferramenta essencial para reduzir vulnerabilidades socioambientais. De forma semelhante, Dinau³ observou em escolas rurais que atividades interativas ampliam a adesão a medidas preventivas, o que se relaciona ao aumento de 3% para 100% no conhecimento sobre zoonoses verificado no presente estudo. Entretanto, enquanto Dinau reportou avanços graduais, a intervenção em contexto urbano resultou em mudança imediata, sugerindo maior efetividade do modelo aplicado.

A associação entre leptospirose e condições de saneamento inadequadas, evidenciada na comunidade escolar investigada, reforça achados de Marteli,⁹ que identificaram maior incidência da doença em áreas periféricas. Tanto a literatura quanto a OMS¹ convergem ao indicar que desigualdades estruturais - como a falta de saneamento, moradia adequada e acesso a serviços de saúde - ampliam os riscos de exposição a zoonoses, exigindo intervenções que transcendam o setor exclusivamente biomédico. Diferentemente de estudos que priorizam análises epidemiológicas e biomédicas, a intervenção escolar demonstrou que a abordagem educativa também contribui para reduzir vulnerabilidades, acrescentando uma dimensão prática à prevenção.

No caso da dengue, o aumento de registros locais acompanha a tendência observada no Estado de São Paulo¹¹ e no Brasil como um todo.¹⁷ Galan⁷ demonstrou a associação entre proliferação do *Aedes aegypti* e fatores como chuvas intensas e urbanização desordenada, o que ajuda a explicar a vulnerabilidade da região. A intervenção na escola, ao enfatizar a eliminação de criadouros, dialoga diretamente com as recomendações da OMS para o controle vetorial¹² e responde a um problema emergente e de alta letalidade em 2025. A diferença é que, enquanto muitos estudos se concentram em estratégias de vigilância e controle governamental, esta experiência evidenciou a escola como espaço central de engajamento comunitário.

Apesar dos resultados positivos, algumas limitações devem ser consideradas. Assim como já observado por Bharti,⁵ a subnotificação de casos de leptospirose dificulta comparações diretas entre contextos. Além disso, a amostra reduzida de estudantes limita a generalização dos achados. Contudo, a adoção de metodologias participativas mostrou-se capaz de superar barreiras identificadas por Flores⁶ em comunidades de baixa escolaridade, indicando que estratégias de engajamento ativo são cruciais para ampliar a efetividade de intervenções em saúde. Nesse sentido, diferentemente de estudos que relatam resistência inicial da população, o envolvimento da comunidade escolar potencializou os resultados alcançados.

Por fim, a integração entre escola e comunidade observada neste projeto ecoa a experiência relatada por Ribeiro,¹⁷ em que parcerias intersetoriais contribuíram para reduzir a ocorrência de zoonoses. De forma complementar, Silva¹³ destaca que a articulação com Unidades Básicas de Saúde fortalece o impacto de projetos educativos ao conectar o ambiente escolar às políticas públicas. A diferença central é que, enquanto trabalhos anteriores enfatizam o papel das UBS e gestores municipais, a presente intervenção evidenciou a escola como protagonista do processo educativo. Esses exemplos reforçam a necessidade de consolidar abordagens intersetoriais como eixo estruturante das estratégias de prevenção no contexto da Saúde Única.

A intervenção educativa elevou significativamente o conhecimento dos alunos sobre zoonoses, dengue e leptospirose, evidenciando a eficácia de metodologias participativas e contextualizadas. No entanto, embora os resultados imediatos sejam promissores, é importante questionar a real incorporação desses conteúdos no cotidiano escolar e a capacidade da comunidade de manter práticas preventivas sem acompanhamento contínuo. Para garantir a continuidade da ação, foram discutidos planos de integração dos conteúdos ao cotidiano escolar, com participação ativa de professores e gestores, além da articulação com a Unidade Básica de Saúde e a universidade, de modo a criar um fluxo de atividades educativas periódicas.

A sustentabilidade da ação depende, portanto, do compromisso institucional e da consolidação de iniciativas pedagógicas permanentes, garantindo que os conhecimentos adquiridos não se limitem a resultados pontuais. A parceria intersetorial entre escola, UBS e universidade possibilita planejar e executar futuras atividades educativas de forma conjunta, ampliando o alcance e o impacto da intervenção. Dessa forma, a experiência evidencia que ações extensionistas devem ser pensadas como processos duradouros e transformadores, reforçando o protagonismo da escola e da comunidade na promoção da saúde, mas também exige reflexão crítica sobre os desafios de continuidade e sustentabilidade.

Em síntese, os achados do estudo convergem com a literatura ao confirmar o impacto das práticas educativas na prevenção de zoonoses e na promoção da saúde, além de acrescentarem evidências de que o ambiente escolar pode atuar como espaço estratégico de protagonismo comunitário, ampliando a efetividade das intervenções em contextos urbanos periféricos.

Conclusão

A intervenção educativa realizada em uma escola pública promoveu aumento expressivo do conhecimento dos adolescentes sobre zoonoses, leptospirose e dengue, demonstrando que práticas pedagógicas participativas possuem grande potencial no fortalecimento da prevenção em saúde. O impacto observado - com evolução de baixos índices de acerto para quase totalidade de respostas corretas - evidencia que o ambiente escolar é um espaço estratégico para a promoção da saúde em comunidades vulneráveis.

Ao relacionar os resultados obtidos com a literatura científica revisada, confirma-se que estratégias educativas favorecem a conscientização, estimulam mudanças de comportamento e contribuem para a redução de riscos socioambientais, alinhando-se ao paradigma da Saúde Única. Reforça-se, portanto, o objetivo do trabalho: conduzir uma revisão de literatura sobre intervenções educativas voltadas à prevenção de zoonoses e, de forma complementar, desenvolver e avaliar um projeto educativo junto a adolescentes, capaz de abordar a interconexão entre saúde humana, animal e ambiental, além de informar sobre o papel da escola, da comunidade e dos serviços de saúde na prevenção das zoonoses.

Para garantir sustentabilidade e continuidade, a experiência indica a necessidade de consolidar a integração universidade–escola–comunidade, por meio de iniciativas pedagógicas permanentes e articulação intersetorial com os serviços de saúde locais. Essa abordagem permite que os conhecimentos adquiridos sejam incorporados de forma duradoura, potencializando os

efeitos de longo prazo e reforçando o protagonismo da escola e da comunidade na promoção da saúde.

Assim, a combinação entre revisão de literatura e experiência prática de intervenção evidencia que escolas públicas são espaços privilegiados para a prevenção de zoonoses e para a promoção da saúde, destacando a relevância de ações extensionistas como processos contínuos, transformadores e socialmente impactantes no contexto da Saúde Única.

Referências

1. World Health Organization. One Health [Internet]. Geneva: WHO; 2024 [citado em 22 mar. 2025]. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/q-a-detail/one-health>
2. Brasil. Ministério da Saúde. Manual de vigilância, prevenção e controle de zoonoses. Brasília: Ministério da Saúde; 2016.
3. Dinau A, Santos B, Lima C, Oliveira D, Costa E, Silva F, et al. Manual de zoonoses. Botucatu: UNESP/FMVZ; 2022.
4. Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). O verão chegou, e a dengue também [Internet]. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2025 [citado em 24 mar. 2025]. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br>
5. Bharti AR, Nally JE, Ricaldi JN, Matthias MA, Diaz MM, Lovett MA, et al. Leptospirosis: a zoonotic disease of global importance. *Lancet Infect Dis*. 2003;3(12):757–71. doi:10.1016/S1473-3099(03)00830-2
6. Flores B, Lima AP, Souza VAF. Epidemiologia da leptospirose no Brasil, 2007 a 2016. *Braz J Health Rev*. 2020;3(2):2675–80.
7. Galan DI, Roess AA, Pereira SVC, Schneider MC. Epidemiology of human leptospirosis in urban and rural areas of Brazil, 2000–2015. *PLoS One*. 2021;16(3):e0247763. doi:10.1371/journal.pone.0247763
8. Winck GR, Raimundo RLG, Fernandes-Ferreira H, Bueno MG, Donalísio MR, Lorenz C, et al. Socioecological vulnerability and the risk of zoonotic disease emergence in Brazil. *Sci Adv*. 2022;8(23):eabo5774. doi:10.1126/sciadv.abo5774
9. Marteli AN, Genro LV, Diament D, Guasselli LA. Análise espacial da leptospirose no Brasil. *Saude Debate*. 2020;44(126):805–17. doi:10.1590/0103-1104202012609
10. Silva J, Almeida MF, Santos JP. Tendência temporal da leptospirose e sua associação com variáveis ambientais em Santa Catarina. *Cien Saude Colet*. 2022;27(3):849–60. doi:10.1590/1413-81232022273.08982021
11. Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Dengue: série histórica [Internet]. São Paulo: Secretaria de Estado da Saúde; 2025 [citado em 25 mar. 2025]. Disponível em: <https://www.saude.sp.gov.br>
12. World Health Organization. Disease Outbreak News: Dengue – global situation [Internet]. Geneva: WHO; 2024 [citado em 25 mar. 2025]. Disponível em: <https://www.who.int>
13. Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo. Boletim de Arboviroses [Internet]. São Paulo: SMS; 17 mar. 2025 [citado em 26 mar. 2025]. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br>
14. Urbuez JD. Fatores sociais e a propagação da dengue: entrevista [Internet]. São Paulo: Jornal da USP; 2025 [citado em 26 mar. 2025]. Disponível em: <https://jornal.usp.br>
15. Urbuez JD, et al. Vulnerabilidade social e doenças infecciosas. *Rev Saude Publica*.

2024;58:23–9. doi:10.11606/s1518-8787.202405800019

16. Ministério da Saúde. Situação epidemiológica da dengue no Brasil – março de 2025 [Internet]. Brasília: MS; 2025 [citado em 26 mar. 2025]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude>
17. Ribeiro LM, Lopes LM, Souza AF, Mendes RT. Zoonoses nos anos iniciais do ensino fundamental: práticas pedagógicas de professoras da regional noroeste de Belo Horizonte. In: VII Conedu – Conedu em Casa. Campina Grande: Realize Editora; 2021. p. 1–10.

Projeto Par(á) Vida: extensão universitária para além das fronteiras regionais

Thamires da Silva Santos¹, Isabelle Luz Pereira de Souza¹, Marcelo Andreetta Corral²

Resumo

Objetivo: O Projeto Par(á) Vida, projeto de extensão universitária, tem o objetivo de permitir que estudantes apliquem seus conhecimentos em contextos reais, aprimorando suas competências técnicas, humanísticas e éticas, além de promover papel social da universidade voltados às demandas sociais. **Metodologia:** Criado em 2018, por alunos da Universidade Santo Amaro, o projeto leva atendimento médico voluntário a uma população socioeconomicamente vulnerável no Pará, contando com a participação de estudantes, professores e profissionais de saúde. Em sua 6ª edição, os atendimentos abrangeram prevenção de doenças, educação sanitária e doação de medicamentos. A partir de 2021, a iniciativa também passou a realizar pesquisas sobre saúde e condições socioeconômicas da região. **Resultados:** Nesta edição o projeto contou com 12 voluntários selecionados e profissionais de diversas especialidades. Os atendimentos ocorreram na Ilha de João Pilatos e em Caiçua, Santa Bárbara do Pará, totalizando 342 atendimentos. Além da assistência, foram conduzidas ações educativas sobre saneamento e higiene, impactando positivamente a saúde local, com redução de parasitoses e dores crônicas. O projeto também identificou altos índices de gravidez precoce e falta de planejamento familiar, evidenciando desafios de saúde pública na região. **Conclusão:** O impacto do Projeto Par(á) Vida transcende o atendimento clínico, promovendo reflexões sobre a formação médica e a humanização da medicina. Inspirado pelo pensamento de Wilhelm Kenzler, destaca-se como um modelo de ensino médico que valoriza a compreensão integral do paciente, fortalecendo a ligação entre extensão, ensino e pesquisa.

Palavras-chave: Atendimento médico; Extensão universitária; Voluntariado; Vulnerabilidade.

Abstract

Objective: The Projeto Par(á) Vida, an university outreach initiative, aims to enable students to apply their knowledge in real-world contexts, enhancing their technical, humanistic, and ethical competencies, while also promoting the university's social role in addressing community needs. **Methodology:** Created in 2018 by students from Universidade Santo Amaro, the project offers voluntary medical care to socioeconomically vulnerable populations in Pará, with engagement from students, professors, and healthcare professionals. In its 6th edition, the project provided services including disease prevention, health education, and medication donations. Since 2021, the initiative has also conducted research on health and socioeconomic con-

¹ Universidade Santo Amaro

² Orientador, Universidade Santo Amaro

ditions in the region. **Results:** In this edition, the project included 12 selected volunteers and professionals from various medical specialties. Services were delivered in João Pilatos Island and in Caiçaua, Santa Bárbara do Pará, totaling 342 medical consultations. In addition to healthcare assistance, educational activities on sanitation and hygiene were conducted, positively impacting local health by reducing parasitic infections and chronic pain. The project also identified high rates of teenage pregnancy and a lack of family planning, highlighting public health challenges in the region. **Conclusion:** The impact of the Projeto Par(á) Vida goes beyond clinical care, fostering reflections on medical training and the humanization of medicine. Inspired by the philosophy of Wilhelm Kenzler, it stands out as a model of medical education that values a holistic understanding of the patient, strengthening the integration of outreach, education, and research.

Keywords: Medical care; University outreach; Volunteering; Vulnerability.

Introdução

A extensão universitária constitui um dos pilares do tripé universitário junto com a pesquisa e o ensino. Trata-se de um processo que busca a integração entre a universidade e a sociedade, promovendo a troca de saberes, experiências e conhecimentos de forma contínua e bidirecional. Por meio da extensão, o conhecimento acadêmico gerado na universidade pode ser aplicado na prática para atender às demandas sociais, contribuindo para o desenvolvimento humano, social, cultural e econômico das comunidades. Dessa forma, a melhora nos indicadores locais pode ser considerada uma importante consequência da prática extensionista¹.

Esse campo de atuação envolve atividades como projetos comunitários, serviços e programas que abordam questões relevantes para a sociedade, como educação, saúde, meio ambiente, cultura, tecnologia e inclusão social. Além disso, a extensão universitária estimula a formação cidadã dos estudantes ao colocá-los em contato direto com a realidade social e as necessidades da população, assim possibilitando a construção de uma ponte entre o saber científico e o saber popular, promovendo um diálogo potencialmente transformador. É um instrumento essencial para a democratização do conhecimento e para a consolidação do papel social da universidade como agente de transformação e impacto positivo na sociedade^{1,2}.

No curso de medicina a extensão tem papel importante para a formação acadêmica dos futuros médicos não apenas reforçando o compromisso social das universidades, mas também oferecendo aos estudantes a oportunidade de aplicar na prática os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula, contribuindo para a melhoria da saúde e da qualidade de vida das comunidades².

Por meio de atividades extensionistas, os estudantes de medicina vivenciam situações reais que os ajudam a desenvolver competências técnicas, humanísticas e éticas essenciais para a profissão médica. Essas experiências ampliam a visão dos futuros médicos sobre o papel social da medicina e a importância de atuar de forma empática e integrada com as comunidades^{1,2}.

As práticas extensionistas no curso de medicina permeiam diversos projetos dentre os quais se destaca o Projeto Par(á) Vida (Par(á) Vida), uma ação de atendimento voluntário, criado e organizado por alunos do curso de medicina da Universidade Santo Amaro desde 2018, atualmente na sua 6ª edição, que leva alunos do curso de medicina, médicos formados, farmacêuticos e biomédicos para a região de Caiçaua, no município de Santa Bárbara do Pará, e Ilha de João Pilatos, no município de Ananindeua, no Pará.

O projeto foi concebido a partir da colaboração entre uma estudante de medicina da Uni-

versidade Santo Amaro e moradores da comunidade de Caiçaua. Esta parceria surgiu como resposta direta às barreiras socioeconômicas e de acesso à saúde observadas na localidade, estruturando-se sobre os pilares da medicina humanizada para atuar na redução das desigualdades regionais.

Ao longo de 5 edições (2018, 2019, 2021, 2022 e 2023) o Par(á) Vida contou com a participação de 72 estudantes de medicina, 19 professores médicos e 3 farmacêuticos para a realização de 1888 atendimentos à população local (Tabela 1). As duas primeiras edições reportaram inúmeros casos de parasitoses e dermatoses, assim como erros alimentares, além da necessidade de ação de promoção à saúde e prevenção das doenças para a população beneficiada. A partir dessas edições, ações específicas para controle e tratamento dos diagnósticos realizados foram implementadas, diminuindo os casos de verminoses em 65,32% e das dores crônicas em 51,86%, entre 2021 e 2022. Outra conquista fundamental a partir da edição de 2021 foi a doação de 1170 Kg de medicamentos específicos, já que por conta da vulnerabilidade econômica, o acesso à medicação é dificultado. Além disso, durante a 4ª edição, uma pesquisa feita com 76 mulheres observou que 66 delas, ou seja 86,80%, já haviam engravidado, sendo que, destas, 60,6% entre os 15 e 20 anos. Tal situação é agravada pelo fato de que de todas as gestações, apenas 28,79% tiveram um planejamento familiar anterior, com isso 71,21% das gestações das mulheres que foram entrevistadas não foram planejadas. Em relação a quantidade de filhos, 89,39% delas possuíam entre um e três. Por fim, apenas 9,21% das entrevistadas tinham o desejo de engravidar novamente.

Tabela 1 - Dados das 5 edições anteriores do Projeto Par(á) Vida.

Edição	Data	Alunos	Médicos	Farmacêuticos	Atendimentos	Principais demandas
1ª	22 a 31 de 07/2018	9	2	0	370	Pitíriase vesicolor, Escabiose, Parasitoses do trato gastrointestinal, Vaginose, Infecções das vias aéreas superiores
2ª	09 a 15 de 12/2019	15	3	1	374	Escabiose, Dermatose, Parasitoses do trato gastrointestinal, Infecções das vias aéreas superiores, Dores crônicas
3ª	15 a 22 de 12/2021	17	4	1	412	Dores crônicas, Verminoses, Erros alimentares, Rinite, Asma
4ª	15 a 21 de 12/2022	16	3	1	432	Verminoses, Pitíriase vesicolor, Escabiose, Hipertensão arterial crônica, Asma
5ª	15 a 21 de 12/2023	15	4	1	300	Parasitoses do trato gastrointestinal, Rinite, Erros alimentares, Obesidade, Hipertensão arterial sistêmica

Fonte: Os autores

Com isso, o Par(á) Vida trabalha para que haja a diminuição da vulnerabilidade socioeconômica presente na população de Caiçaua e Ilha de João Pilatos, levando alunos e profissionais de saúde dispostos a prestar atendimento médico e farmacêutico humanizado, solidariedade, escuta, educação em saúde e doação de medicamentos e insumos para o Estado do Pará. O sucesso das 5 edições anteriores do projeto permitiu a aproximação entre voluntários e população, fazendo com que a cada expedição seja possível uma maior troca de experiências e conhecimento

Metodologia

Organização prévia da 6ª edição do Projeto Par(á) Vida

Em setembro de 2024, foi realizado um curso introdutório em formato remoto como fase inicial do projeto. O evento foi aberto a todos os estudantes de medicina, sendo a elegibilidade para as vagas de voluntariado restrita aos discentes matriculados entre o 5º e o 12º período. O conteúdo programático do curso incluiu uma abertura formal e palestras sobre os temas: saúde da mulher e vulnerabilidades, manejo da Diabetes Mellitus e parasitoses em crianças.

A seleção dos voluntários para o projeto foi efetuada após um curso introdutório, por meio de um processo estruturado em duas fases. A primeira etapa, de caráter eliminatório, consistiu em uma prova teórica sobre o conteúdo ministrado, da qual participaram 110 estudantes de medicina. Os 35 discentes com o maior desempenho foram classificados para a fase subsequente. A segunda etapa, de natureza qualitativa e classificatória, envolveu entrevista e análise curricular, por meio das quais foram selecionados 12 voluntários. Os critérios para a seleção final incluíram o alinhamento do candidato aos ideais do projeto, a habilidade para o trabalho em equipe, o interesse no aprofundamento em medicina humanizada e a empatia frente à realidade da população assistida. A equipe foi constituída, ao final do processo, pelos 12 voluntários selecionados e por duas organizadoras.

A campanha de arrecadação de medicamentos ocorreu concomitantemente às etapas de formação e seleção dos voluntários. A divulgação da iniciativa foi realizada por meio dos canais digitais do projeto, como grupos de WhatsApp e o perfil no Instagram, direcionando-se a um público-alvo amplo, incluindo pais, alunos, professores e médicos. A logística de coleta foi centralizada na farmácia da instituição de ensino, que serviu como ponto estratégico para o recebimento das doações. Após o recolhimento, os itens passaram por um rigoroso processo de triagem e catalogação, conduzido pela equipe de voluntários sob a supervisão técnica de um professor farmacêutico. O armazenamento foi realizado em local apropriado, com controle de temperatura e umidade, em estrita observância às normas sanitárias vigentes. A campanha resultou na coleta de 470 kg de medicamentos, com predomínio das seguintes classes terapêuticas: antiparasitários, anticoncepcionais, analgésicos e antibióticos.

Além disso, o Par(á) Vida manteve a colaboração com a Igreja local em Caiçua, a Igreja Batista Esperança, a qual proporciona hospedagem aos voluntários durante o período da expedição, possibilitando a alimentação, higiene e período de repouso destes desde a primeira edição.

Durante o ano de 2024, previamente à ação extensionista, a divulgação do Projeto Par(á) Vida foi realizada em parceria com moradores de Caiçua e da Ilha de João Pilatos. Para tal, utilizaram-se meios como a distribuição de flyers, anúncios sonoros veiculados por carros de som e publicações em redes sociais.

Características da equipe

A equipe de voluntários contou com a participação de um docente biomédico, responsável pelas pesquisas que são desenvolvidas durante o projeto; uma docente farmacêutica, responsável pela organização e dispensação dos medicamentos arrecadados; seis médicos, duas clínicas gerais. Além dos profissionais envolvidos, a equipe de voluntários contou com a participação de 14 estudantes do curso de medicina sendo uma do 10º semestre, três do 9º semestre, quatro do 7º semestre, quatro do 6º semestre e duas do 5º semestre. (Figura 1).

Figura 1 - Grupo de voluntários após os atendimentos do 1º dia, na Ilha de João Pilatos, no Pará.

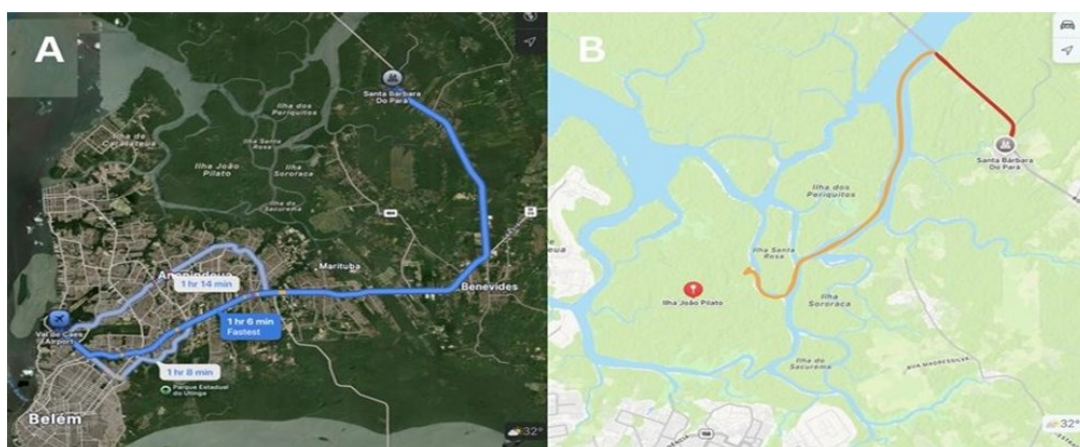


Fonte: Os autores

Características loco regionais

O grupo de voluntários, provindo do Aeroporto Internacional de São Paulo, desembarcou no Aeroporto Internacional de Belém, Júlio Cezar Ribeiro (Val-de-Cans,) no dia 16/12/2025 às 1h40, e de lá seguiu de ônibus para o município de Santa Bárbara do Pará (48,5Km da capital – figura 2A). Os dois primeiros dias de ações foram realizados na Ilha de João Pilatos (figura 2B) e os demais três dias de ações foram realizados no continente, em Caiçaua, município de Santa Bárbara do Pará, Pará.

Figura 2 - Distâncias percorridas pelos voluntários para os locais de atendimento .



Fonte: Os autores

Em A, distância e percurso do Aeroporto Internacional de Belém e o município de Santa Bárbara do Pará, em B, distância e percurso entre o município de Santa Bárbara do Pará e a Ilha de João Pilatos. Em vermelho, trajeto por terra e em laranja trajeto de barco.

Santa Bárbara do Pará, segundo o IBGE, tem uma população residente estimada de 22.288, com uma média de 1,6 salários mínimos dos trabalhadores formais. No que condiz

à saúde, em 2010, havia 12,7 óbitos por nascidos vivos, 9 unidades de saúde, sem dados referentes a internações por diarreia pelo SUS. Já referente à meio ambiente, ainda em 2010, havia apenas 10,6% de esgotamento sanitário adequado, 11,8% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 17,4% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada. Em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 97,3%. Em relação ao IDEB, no ano de 2023, o IDEB para os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública era 5 e para os anos finais, de 4,8³.

Resultados

Ações de extensão

Os atendimentos foram realizados no modelo de preceptoria, em que os estudantes de medicina faziam a triagem inicial com realização das medidas antropométricas, pressão arterial e glicemia e seguiam para realização da investigação da hipótese diagnóstica por meio da anamnese e realização de exame físico completo (figura 3).

Figura 3 - Médico, voluntária e paciente durante o atendimento médico em Caiçaua, Pará.



Fonte: Os autores

O volume de atendimentos médicos realizados pela equipe de 6 médicos e 14 estudantes de medicina foi considerado satisfatório, totalizando 342 consultas ao longo dos cinco dias de atendimentos, dos quais 120 foram de crianças até 15 anos e 222 de adultos. Na Ilha de João Pilatos foram 86 atendimentos, dos quais 53 adultos e 33 crianças; e 256 em Caiçaua, sendo 169 adultos e 87 crianças.

Paralelamente aos atendimentos foram realizadas ações de promoção à saúde e prevenção de doenças por meio da realização de conversas sobre a utilização do hipoclorito de sódio. Os estudantes orientavam os pacientes, distribuíam hipoclorito e também um panfleto explicativo sobre os cuidados com os alimentos e a água (figura 4).

Figura 4 - Educação em saúde, sendo em A um panfleto entregue durante a ação em saúde para conscientização sobre a importância da higiene dos alimentos para prevenção de doenças. Em B, voluntária aplicando a ação em saúde e questionário referente aos hábitos de higienização dos alimentos na população de Caiçua, no Pará.



Fonte: Os autores

Ações de pesquisa

Neste projeto foram submetidos três grandes projetos de pesquisa com aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNISA, via Plataforma Brasil. Estes projetos foram realizados por meio de questionários e versavam sobre o impacto do Projeto Par(á) Vida na formação ética e acadêmica dos voluntários da ação, número do parecer 7.265.649, sobre as experiências adversas na infância e seu efeito na saúde de crianças e adultos na região de Ilha de João Pilatos e Caiçua, número do parecer 7.265.653, e por fim sobre hábitos de higienização dos alimentos na população de Caiçua, no Pará: A eficácia da educação em saúde, número do parecer 7.265.635.

Reflexão sobre o Projeto

Após a finalização da 6ª edição, foram obtidos depoimentos tanto dos alunos, quanto dos profissionais da saúde, quando questionados, por meio de um formulário do Forms, sobre o impacto do Projeto em suas vidas, como por exemplo:

“O projeto nos incentiva a voltar para o princípio da medicina, onde o olhar atento, o cuidado e o carinho com o paciente são as principais coisas. Muitas vezes no nosso dia a dia com tantas provas e as outras milhares de coisas que temos que fazer na faculdade acabamos nos desviando por alguns momentos do verdadeiro sentido da medicina, do cuidado humanizado e do porque fizemos essa escolha de servir as pessoas (...).” Voluntário 1

“(...) No Pará eu vi que a dor muitas vezes não precisa de um remédio e sim de um abraço, vi o valor que a população dava para cada atendimento, vi a gratidão no olhar de cada paciente e senti o amor em cada segundo. Aprendi que o olhar sobre o paciente e a escuta são muito mais importantes que qualquer doença (...).” Voluntário 2

“Me mostrou a ver e respeitar outros pontos de vista, e que nem sempre a maneira como vivemos e vemos as coisas estão corretas só porque estamos acostumados com elas (...).” Voluntário 3

“(...) O que mais me chocou e trouxe uma profunda tristeza foi a realidade da falta de saneamento básico, que resulta em doenças para a população, sem perspectivas de melhoria, já que o acesso ao saneamento envolve questões políticas e sociais complexas (...).” Voluntário 4

“(...) Se todos os médicos tivessem tido a oportunidade de ter realizado um voluntariado tão especial quanto o Par(á) Vida, tenho plena convicção de que a Medicina humanizada seria muito mais presente no Brasil e os profissionais seriam muito mais resolutivos nas demandas da atenção básica, com menos especialistas sendo necessários, afinal entender o ser humano com todas as suas particularidades é o que nos faz exercer a boa prática da Medicina.” Voluntário 5

Discussão

O Projeto Par(á) Vida, fundamentado no ideal de uma "medicina de gente para gente" de Wilhelm Kenzler⁴, encontra na experiência prática de seus voluntários a materialização de seus princípios. A experiência da 6ª edição do projeto demonstrou impacto nos aspectos emocionais e educacionais dos participantes. Os resultados, obtidos por meio de uma análise qualitativa dos relatos pré e pós-ação, corroboram a importância da extensão universitária como pilar insubstituível na formação de profissionais de saúde mais humanos e conscientes¹.

A análise dos relatos, dividida nas categorias de aspectos acadêmicos, éticos/morais e expectativas/realizações, revela as principais contribuições da experiência. No campo acadêmico, os voluntários destacaram a importância da prática clínica em um cenário de recursos limitados, forçando-os a adaptar condutas e a valorizar a interação multidisciplinar. Essa vivência confrontou diretamente a formação hospitalocêntrica tradicional, salientando a necessidade de compreender as disparidades culturais, sociais e econômicas que influenciam o processo saúde-doença.

Uma das maiores dificuldades da equipe, e ao mesmo tempo um dos maiores aprendizados, foi precisamente essa necessidade de adequação. A carência de recursos diagnósticos e terapêuticos exigiu um retorno à semiologia clássica e uma maior ênfase na relação médico-paciente. Isso se conectou diretamente com uma das principais demandas da população atendida: a busca por escuta e acolhimento. Os relatos indicam que, muitas vezes, a validação de suas queixas e a atenção humanizada foram tão ou mais valorizadas que a prescrição de medicamentos, o que reforça o pilar do projeto.

No que tange aos aspectos éticos e morais, a experiência promoveu uma profunda reflexão. Palavras como "empatia", "privilégio" e "respeito" foram acentuadas nos relatos pós-ação, evidenciando que a equipe identificou problemas que transcendem as queixas clínicas. O "problema" identificado não foi uma nova patologia, mas sim a dimensão da vulnerabilidade social e o impacto dela na saúde daquelas comunidades. O reconhecimento do próprio "local de privilégio" foi um tema recorrente, catalisando uma mudança no olhar sobre o próximo e sobre o próprio papel social como profissional da saúde.

Diante do exposto, o foco das próximas ações pode ser aprimorado pois os resultados sugerem que o foco deve permanecer na abordagem biopsicossocial, fortalecendo ações de educação em saúde e promoção de autonomia das comunidades. Além disso, a gratidão e a superação das expectativas relatadas pelos voluntários, especialmente em momentos como "a passagem no barco após os atendimentos", demonstram o poderoso impacto da imersão na transformação pessoal e profissional, um fator que deve ser continuamente incentivado.

Conclusão

A implementação de projetos voluntários, como o Projeto Par(á) Vida, na graduação de Medicina, com o apoio da extensão universitária, proporciona aos docentes e discentes oportunidades significativas de ampliar seus conhecimentos e experiências. Essas iniciativas enriquecem e fortalecem o compromisso social da universidade.

A interação entre estudantes de Medicina e populações carentes contribui para a humanização do cuidado, desde a mobilização para a arrecadação de insumos até a realização dos atendimentos. Ao confrontarem-se com as realidades biopsicossociais dos pacientes, os voluntários superam barreiras regionais, facilitando o acesso à saúde em áreas remotas do Brasil.

Em síntese, projetos como o Par(á) Vida evidenciam o potencial transformador da extensão universitária na formação médica, destacando a importância do voluntariado como ferramenta pedagógica e instrumento de promoção da equidade no acesso à saúde.

Referências

1. Miranda FS, Amaral MA. Um panorama das ações extensionistas desenvolvidas em cursos superiores de computação. *Educ em Rev.* 2023;39:e38875.
2. Santana RR, Santana CCAP, Costa Neto SB, Oliveira EC. Extensão Universitária como Prática Educativa na Promoção da Saúde. *Educ Real [Internet]*. 2021 [citado 2025 junho 18];46:e-98702. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/qX3KBJghtJpHQRDZzG4b8XB/>
3. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Santa Bárbara do Pará: panorama [internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2021. [citado 2024 mar 7]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/santa-barbara-do-para/panorama>
4. Freitas RM. A história da Faculdade de Medicina Santo Amaro: contada por amigos. São Paulo: [s.n.]; 2016. 492p.
5. Brasil. Ministério da Educação. Resolução nº7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e Regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014. *Diário Oficial da União*. 2018 dez 19;Seção 1:49-52.